

<sup>1</sup>Frank Viana Carvalho<sup>1</sup>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Câmpus São Roque

---

## Nicolau e *O Príncipe*

---

### Nicolau and *The Prince*

---

**Resumo.** Este pequeno ensaio nos traz uma reflexão sobre o porquê da reputação negativa da obra *O Príncipe*, do filósofo político Nicolau Maquiavel (1469-1527), e seus reflexos sobre o próprio autor. No dicionário, maquiavélico é sinônimo de perfídia, engano e astúcia. O que ocorreu com o italiano de Florença, para que passasse de cientista político respeitável a alvo de fortes críticas, e a ter sua imagem associada à tirania e ao despotismo de Estado? **Palavras-chave:** Maquiavel, maquiavélico, maquiavelismo, filosofia política, ciência política.

**Abstract.** This short essay gives us a reflection on why the negative reputation of the work *The Prince* by political philosopher Nicolau Machiavelli (1469-1527), and his reflections on the author himself. In the dictionary, machiavellian is synonymous with treachery, deception and cunning. What happened to the Italian in Florence, from being a respectable political scientist to a target of strong criticism, and having his image associated with tyranny and State despotism? **Keywords:** Machiavelli, Machiavellian, Machiavellianism, Political Philosophy, Political Science.

---

### Introdução

Em 03 de maio de 1469 nasceu Niccolò di Bernardo dei Machiavelli em Florença, filho de Bernardo Maquiavel e Bartolomea Nelli. Sua família tinha tradição no serviço público, sendo seu pai jurista e tesoureiro de Marca de Ancona, província da península itálica – a Itália da época era um conjunto de províncias, pequenos reinos, cidades-estado, repúblicas e principados. Com a idade de 29 anos Maquiavel deu início ao seu trabalho como diplomata e seguiu nessa função até completar 43 anos, tendo realizado vinte e três missões no exterior e preparado vários documentos (RIDOLFI, 2003).

Numa de suas atribuições, tratou diretamente com César Bórgia, filho do futuro Papa Alexandre VI – Rodrigo Bórgia –, que nessa época era um dos líderes gerais da Igreja, e capitão dos Estados Pontifícios. O contato com estes líderes que utilizavam de todos os meios para estender o domínio dos Bórgia na Itália e também dominar as ações da Igreja Católica em Roma, impressionou Nicolau e deixou marcas em sua obra (LARIVAILLE, 1979).

Com o final da pequena república em 1512, Maquiavel foi demitido, pois consideraram que ele era um grande colaborador dos governos anteriores. Para complicar sua situação, foi acusado de ser um conspirador favorável ao regime político da República e juntamente com outros, foi preso e torturado. Após três semanas na prisão foi solto e pouco tempo depois recebeu a anistia promovida pelo Papa Leão X, que acabara de assumir o pontificado. Exilado, tem agora tempo para escrever e nesse período produz suas principais obras: “O Príncipe”, “Os Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio” e “Os Sete Livros sobre a Arte da Guerra”. Após

sete anos de retiro, foi convidado por Júlio de Médici, futuro Papa Clemente VII, a escrever 'A História de Florença', obra a qual dedicou os últimos sete anos de sua vida. Em 1527, após sentir fortes dores abdominais, adoeceu e veio a falecer em 21 de junho aos 58 anos de idade (SCOREL, 1958).

### O Príncipe

A obra prima de Nicolau Maquiavel, *O Príncipe*, foi escrita em 1513 e dedicada a Lourenço II de Médici (1492-1519), pai de Catarina de Médici (1519-1589). Maquiavel julgava que Lourenço seria capaz de unificar os Estados italianos e defendê-los contra ataques estrangeiros. Trata-se, portanto, de um projeto político para a unificação dos Estados italianos na figura de um soberano, como ocorreu na França, Portugal, Inglaterra e Espanha séculos antes. A primeira edição ocorreu em 1530<sup>1</sup>, três anos após a morte de Maquiavel. Numa leitura atenta, percebe-se que a obra é uma descrição de como chegar ao poder e mantê-lo, sobretudo considerando o contexto das terras italianas no século XVI. Ao narrar e propor ações considerando a política 'como ela é', e não 'como ela deveria ser', Maquiavel estava lançando uma nova teoria política, em realidade estava produzindo um dos tratados políticos mais citados desde o início da Idade Moderna até os nossos dias. Ele comenta sobre a sua obra prima:

E como Dante diz que não se faz ciência sem registrar o que se aprende, eu tenho anotado tudo nas conversas que me parece essencial, e compus um pequeno livro chamado "*De Principatus*", onde investigo profundamente o quanto posso cogitar desse assunto, debatendo o que é um principado, que tipos de principado existem, como são conquistados, mantidos, e como se perdem. (MAQUIAVEL, 1513, s/p)

A obra tem vinte e seis capítulos e é recheada de conselhos ao futuro príncipe para que ele possa se conduzir bem nos negócios públicos internos e externos, e em essência, traz a arte de conquistar e manter um principado e o poder.

São vários conselhos, que extrapolam em muito seus conceitos de *virtù* e *fortuna*<sup>2</sup>, mas bastam alguns deles para que tenhamos um vislumbre do alcance da ação política de conquista, expansão e manutenção do poder. Tendo ciência de como os homens são ávidos pelo poder e a todo custo querem dominar, e para tal, combater, Maquiavel afirmou que "há dois modos de combater: um, pelas leis, outro, pela força" (MAQUIAVEL, 1999, p. 109).

Ora, a história mostra que a lei da força domina há muito tempo – claro, a cada época, local, um tipo de força, onde o mais forte a todos conquista. Uma vez conquistada, o método de

<sup>1</sup> Há uma pequena dúvida quanto ao ano da primeira edição, pois alguns pesquisadores apontam 1530 (LARIVAILLE, 1979) e outros 1532 (MARTINS, 1999). Esta edição foi autorizada pelo Papa Clemente VII e patrocinada por um Cardeal romano (MARTINS, 1999, p. 24).

<sup>2</sup> Os conceitos de *virtù* e *fortuna* são utilizados muitas vezes por Maquiavel. *Virtù* seria a capacidade de se adaptar aos acontecimentos que levariam à permanência no poder político. *Virtù* é como algo que contem ou impede os desígnios do destino. É uma maneira de manter a paz e a estabilidade. *Virtù* é ousadia, disciplina, organização. As pessoas, lamentavelmente, agem e se mantêm sempre da mesma forma, e perdem o poder quando as coisas mudam (KELLY et. al., 2013, p. 78; BIGNOTTO, 2003, p. 24). *Fortuna* na obra de Maquiavel advém da deusa romana ligada à sorte e é a representação das coisas que inevitavelmente acontecem às pessoas. É a sorte, o aleatório, as circunstâncias, o que vem supre as necessidades, o inesperado positivo, e nunca se sabe quando vai acontecer (BIGNOTTO, p. 27; SCOREL, 1958).

dominação está no próprio conselho de Maquiavel: “para conservar a província, uma das maneiras mais eficazes é habitá-la” (idem, p. 43).

E para garantir e manter o domínio desta nova região “basta aniquilar a linhagem daquele que antes a dominava” (idem, p. 42). Nesse método, ainda que os residentes se organizem “em alguns locais”, serão “como grilhões postos à província” (idem, p. 43). Não se deve preocupar muito com as aflições dos habitantes dali, pois “os únicos a ter prejuízos serão aqueles de quem se tomaram os campos e as moradas, para ofertá-la aos novos habitantes” (idem).

Nesta tática de intimidação, “sendo eles minoria e espalhados, e empobrecidos, nenhum dano causarão ao príncipe e os que não sofreram prejuízos terão assim, de se aquietar, receosos de que tal também lhes aconteça” (idem). O conselho continua: “os homens devem ser mimados ou exterminados” (idem). Mas nada de violência, façamos um acordo, pois a paz é mais importante. Será? Ora, “nunca aos príncipes faltaram motivos para dissimular quebra de fé jurada” (idem, p. 110). O bom líder deve seguir firmemente o princípio de que “não pode, nem deve manter a palavra dada, quando isso lhe seja nocivo” (idem). De forma semelhante, deve tentar “ser raposa para conhecer as armadilhas e leão, para atemorizar os lobos” (idem). Mas a arte da conquista requer astúcia, precaução, observação e perspicácia, pois “se aos males se conhece com antecedência, o que é concedido apenas aos homens prudentes, rapidamente se pode curá-los”. E assim, como nem sempre é possível manter a paz, e “a guerra é inevitável, protelada, resulta em proveito de outros” (idem, p. 45), é melhor agir logo, pois “o desejo de conquista é algo muito natural e comum” (idem, p. 26). Além disso, “a guerra é justa para aqueles a quem é necessária; e as armas são sagradas quando nelas reside a última esperança” (idem, p. 138).



Capa da Edição de 1550 da obra 'O Príncipe' de Nicolau Maquiavel

Uma vez alcançada novamente a conquista, é bom lembrar que “as vitórias nunca são integrais a ponto de o vencedor não precisar avaliar outras considerações, principalmente de justiça” (idem, p. 133). E agora chegamos ao ponto de como governar e exercer o poder sobre essa terra. O que é melhor? A questão é “saber se é melhor ser amado do que temido”. Claro que é “desejável ser ao mesmo tempo amado e temido, mas que, como tal combinação é difícil”, “é muito mais seguro ser temido” (idem, p. 88). Desta forma, é preciso “que um príncipe aprenda a ser mau, e que se sirva ou não disso de acordo com a necessidade”. (idem, p. 99).

### O surgimento do sentimento anti-Maquiavel

Ainda no século XVI, o cardeal inglês Reginald Pole (1500-1588), após a leitura do Príncipe, foi historicamente o primeiro a se pronunciar contra a obra do florentino, descrevendo-o na década de 1550 como “um espírito satânico, defensor do despotismo e justificador de todas as violências” (SCOREL, 1958, p. 90). Em 1559 por determinação do Papa Paulo IV, a obra entraria para o *Index Librorum Prohibitorum*, decisão confirmada pelo Concílio de Trento em 1564

(idem)<sup>3</sup>. Na década de 1570, o filósofo francês Jean Bodin (1530-1596) se dividiu ao julgar Maquiavel como um “cientista político respeitável” (in CARVALHO, 2017, p. 125) e ao mesmo tempo, como demasiado leviano e vicioso (MEINECKE, 1942, pp. 71-92). Em 1590, Shakespeare (1564-1616) chamaria o “notório Maquiavel” (Henry VI, Part I), também de “assassino Maquiavel” (Henry VI, Part III).

Mas de fato, o divisor de águas no que diz respeito à reputação de Maquiavel, pode ser explicado pela atuação dos ‘monarcômacos’, um grupo de intelectuais ‘huguenotes’ (assim eram chamados os protestantes calvinistas franceses). Sim, os monarcômacos eram um grupo de escritores na França seiscentista que atuou forte e decisivamente na produção de obras políticas no contexto das guerras de religião – um conjunto de oito guerras civis que opuseram católicos e protestantes na França entre 1562 e 1598. Dentre os huguenotes, que representavam aproximadamente um quinto da população francesa, e que sofreram os efeitos dessas guerras, os monarcômacos escreveram obras e tratados em que defendiam as ideias e os interesses da classe vilipendiada e outros temas políticos de interesse geral. Muitas dessas obras eram de caráter panfletário e bastante superficiais quanto ao cerne das questões que motivaram as guerras. Porém, a partir da quarta guerra – o massacre de São Bartolomeu em agosto de 1572 –, o tom dos escritos mudou e boa parte ganhou em profundidade e argumentação. Como apontam os historiadores, na *Saint Barthelemy* (São Bartolomeu) o rei Charles IX (1560-1574) fora influenciado diretamente por sua mãe, Catarina de Médici, na infeliz ordem que resultou no massacre de milhares de protestantes (CARVALHO, 2017).

A partir deste momento, ao mesmo tempo em que defendiam limitações ao poder dos governantes com a criação de uma constituição respaldada por um pacto – na verdade uma espécie de contrato social –, os monarcômacos defenderam o poder como residindo no povo e se manifestaram contra a tirania do absolutismo monárquico. Considerando o século XVI, sua defesa era muito avançada para a época, pois lançava os alicerces das modernas teorias e concepções de Estado democrático, duzentos anos antes do Iluminismo: o contratualismo e o constitucionalismo. Em suas argumentações, praticamente todos eles buscavam fazer um contraponto às propostas de Nicolau Maquiavel em sua visão de Estado como ele de fato é, e não como deveria ser (idem).

No que diz respeito à resposta sobre a má fama e péssima reputação de Maquiavel que começa ainda no século XVI, a melhor explicação é facilmente encontrada no contexto monarcômaco. Para os huguenotes, os massacres eram apenas o ápice de um agrupamento cruel e **maquiavélico** de ações e políticas que já estavam sendo colocadas em prática por Catarina de Médici e seu governo. E a rainha-mãe Catarina era a filha de Lourenço de Médici, o homem a quem Maquiavel dedicara a obra *O Príncipe*. O elo estava fechado. Sendo que historicamente Catarina teve uma atuação dúbia, em alguns momentos mostrando-se favorável à paz, em outros planejando e atuando para destruir seus concidadãos, não era fácil resistir à fácil e atraente suposição de que tudo e todos do governo da França estavam sendo guiados pelos ensinamentos filosóficos e políticos de Maquiavel (SKINNER, 2000; CARVALHO, 2017).

---

<sup>3</sup> Não chega a ser novidade, pois no mesmo índice de livros proibidos pela Igreja estavam outros autores do período, tais como Nicolau Copérnico, Giordano Bruno e Erasmo de Roterdam (HILGERS, 1910).

Várias obras desses intelectuais atacam com diversos argumentos o florentino. Uma obra chamada 'O Despertador Matinal' (*Le Reveille Matin*, 1573) da autoria de Eusebe de Philadelphie, apontará as opiniões de Maquiavel por constituírem 'uma perniciosa heresia em assuntos de Estado', assegurando que 'o rei foi verdadeiramente persuadido pelas doutrinas de Maquiavel' a acabar com os huguenotes. Na mesma direção e com a mesma acusação, o anônimo autor da obra 'O Rebate' (*La Remise*, 1577) em sua dissertação humanista fará um contraponto entre o que ele vê como modelo de educação para a formação de lideranças com hábitos de prudência e virtude, e o tipo de educação que aponta que Catarina de Médici prescreveu a seus filhos, que "aprenderam suas lições... sobretudo nos tratados do ateu Maquiavel", cuja obra *O Príncipe* teria sido "o guia das ações da rainha-mãe" e o principal meio de instrução do rei Charles "sobre os preceitos mais condizentes a um tirano" (in SKINNER, 2000, p. 577).

Em outra obra monarcômaca, anônima, chamada '*O Discurso Maravilhoso sobre os Dotes Maquiavélicos de Catarina de Médici*' (essa obra foi posteriormente atribuída a Henri Estienne), publicada em 1575, teremos um livro impressionantemente anti Maquiavel. Ele começa afirmando que "entre todas as nações, a Itália merece o troféu pela argúcia e velhacaria", e em seguida indica como essa "ciência da trapaça", inicialmente aprimorada na Florença de Maquiavel, estava sendo importada para a França por Catarina e seus conselheiros, transformando a rainha-mãe em "um modelo de tirania em todos os seus atos públicos" (in CARVALHO, 2017, p. 124).

A obra mais enfática que segue nessa linha é intitulada '*Anti-Maquiavel*', da autoria de Innocent Gentillet, publicado em 1576, quatro anos após seu autor ter fugido para Genebra no contexto do massacre de São Bartolomeu. No livro, embora Gentillet em parte procure reafirmar as tradicionais concepções vigentes da justiça na época, seu objetivo principal, dizia ele, era denunciar as perversas "máximas" que alega serem fruto do homem de Florença. Suas afirmações são firmes: "a principal intenção de Maquiavel consiste em instruir o príncipe sobre os meios de tornar-se um tirano completo" (in MASTELLONE, 1969). Gentillet afirma de igual forma que os massacres de Vassy (1562) que deram início às guerras de religião, e da Saint-Barthélemy de 1572, foram obra e consequência direta da influência de Maquiavel sobre Catarina de Médici. As acusações são explícitas e começam já no prefácio do livro, onde ele lamenta "a supressão das boas leis estabelecidas do reino" e sua substituição pelas "doutrinas de Maquiavel", colocadas em prática "pelos atuais governantes italianos da França" (in CARVALHO, p. 124 e 125).

E o que diz sobre ele a mais representativa obra monarcômaca, o clássico "*Vindiciae Contra Tyrannos*"? Em apenas três ocasiões a extensa obra de mais de duzentas páginas faz menção à Maquiavel. Mas ao longo da obra, com a ênfase nos valores de um bom governo e bons governantes, as *Vindiciae* destacam o poder como um cumprimento de obrigações pactuais, em contraposição à obra *O Príncipe*, onde a ênfase está no uso que se faz do poder. Enquanto Maquiavel argumenta que a um príncipe é melhor ser temido (p. 99), as *Vindiciae* vão na outra direção: "inversamente, não há nada mais apropriado para proteger os recursos [do reino] do que ser amado, porque a boa vontade é fiel na perpetuidade" (CARVALHO, 2017, p. 250). Ou seja, ao longo de todo o tratado político, o autor das *Vindiciae* vai contradizendo o florentino, ao também propor sua teoria de Estado contratualista e constitucionalista.

A partir daí, maquiavélico e maquiavelismo se tornarão referências e adjetivos negativos e esse sentido permanecerá até nossos dias. Felizmente, para Maquiavel, dois séculos mais tarde seus méritos serão gradativamente reconhecidos na filosofia e na ciência política. O iluminista Jean Jacques Rousseau destacará “a profundidade das convicções republicanas” de Maquiavel e dirá que “fingindo dar lições aos reis, deu-as, e grandes, aos povos” (in MARTINS, 1999, p. 25; ROUSSEAU, 1973, p. 95). Diderot defenderá a unidade da sua obra com base no ideal republicano, e na segunda metade do século XIX, o movimento de unificação da Itália chamado *Risorgimento* considerará Maquiavel com herói nacional (MARTINS, op. Cit.). No século XX a obra será inspiração ou referência para personalidades tão antagônicas como o escritor Antonio Gramsci e o primeiro ministro Benito Mussolini, e para vários estudiosos da filosofia política (KELLY et. al., 2013).

Será que, na acepção do termo, na maneira como hoje consta nos dicionários, Nicolau Maquiavel era ‘maquiavélico’? Newton Bignotto, pesquisador e especialista na vida e obra do autor de *O Príncipe*, responde: “– Da maneira como compreendemos o termo, podemos dizer que ele não era maquiavélico” (BIGNOTTO, 2007, s/p).

### **Strauss e Maquiavel**

A grande modificação e revolução em filosofia e ciência política, realizadas por Maquiavel, é a cisão entre política e ética, ou entre ação política e moral. Há, em certa medida, um distanciamento na obra dele em relação ao pensamento político clássico.

Não se pode esquecer que o projeto político de unificação dos Estados Italianos proposto por Maquiavel era uma espécie de manual político de como conquistar e manter o poder pelo soberano, o príncipe. Para tanto, o escritor florentino propõe algo que é bastante inovador para a época e que também ajuda a explicar muito da sua reputação negativa, bem como da sua obra “*O Príncipe*”. Ele propõe a separação entre política e moralidade (SKINNER, 2000).

Léo Strauss, contudo, adverte para os perigos de se fazer valer a leitura da política lendo e incorporando apenas a perspectiva de Maquiavel e abandonando os clássicos. Para ele, foi justamente essa leitura, onde os fins justificam os meios, que tornou possível a ascensão acrítica de regimes autoritários e totalitários no século XX. Strauss é categórico em suas críticas a essa limitação:

A nossa ciência política é assombrada pela crença de que ‘juízos de valor’ são inadmissíveis em considerações científicas, e chamar um regime de tirânico constitui claramente pronunciar um ‘juízo de valor’. (...) Não se pode superar esta limitação sem refletir sobre a base, ou a origem da atual ciência política. A atual ciência política, que muitas vezes localiza sua origem em Maquiavel. (STRAUSS, 1991, p. 23-24)

De fato, para muitos, em Maquiavel está o surgimento de uma nova ciência e filosofia política. Sua descrição na obra *O Príncipe*, de como a política e o governo deveriam agir para bem governar, sem se preocupar como as coisas deveriam ser, mas como elas de fato são, trará na modernidade um novo paradigma para a análise da tirania (CARVALHO, 2017). No entanto, no entender de Strauss, essas diferentes análises, ou as duas linhas interpretativas não são

contraditórias, mas complementares. E sabendo que há uma diferença significativa “entre a ciência política socrática e a ciência política maquiaveliana” (STRAUSS, 1991, p. 24), a complementaridade é importante, pois se assim não for, novamente a tirania estará diante de nós sem que sejamos capazes de identificá-la com segurança. A nova linha interpretativa que tem início em Maquiavel, se isolada, é incapaz de dar conta do fenômeno da tirania.

### Conclusões

Em que pesem todas as observações e contextualizações históricas e políticas, na virada do século XVI para o XVII, o estrago na reputação de Maquiavel estava feito e o adjetivo “maquiavélico” tinha agora um significado amplo, negativo e direto: astúcia, trapaça, tirania, manipulação e maldade. Essa importante contextualização explica a reputação vulgar e notoriamente negativa do filósofo político Nicolau Maquiavel, fama da qual ele nunca se livrará por inteiro: “a de um mentor ou preceptor que ensina didaticamente sobre como deve viver um tirano” (STRAUSS, op. Cit.).

A despeito de seu gradual restabelecimento histórico e político-filosófico como grande pensador e receber postumamente a consideração de vários estudiosos das áreas das ciências humanas como o fundador da moderna ciência política, o termo maquiavélico ainda é associado diretamente à sua obra e à sua pessoa, tanto no cotidiano das pessoas como nos círculos de poder.

### Referências Bibliográficas:

- BIGNOTTO, Newton. Maquiavel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- \_\_\_\_\_. Maquiavel não era maquiavélico. Folha de São Paulo, Entrevista em 31 de março de 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3103200708.htm>
- CARVALHO, Frank Viana. Vindiciae Contra Tyrannos, o direito de resistir. São Paulo, USP, Discurso Editorial, 2017.
- DICIONÁRIO MICHAELLIS. Versão Online. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=D9vbp>
- NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1999, p. 1279. Verbetes: maquiavélico, maquiavelismo.
- SCOREL, Lauro. Introdução ao Pensamento Político de Maquiavel. Rio de Janeiro, Editora Simões, 1958.
- HILGERS, Joseph. Index of Prohibited Books. The Catholic Encyclopedia. Vol. 7, in New York, Robert Appleton Company, 1910.
- KELLY, Paul; DACOMBE, Rod; FARNDON, John; HODSONN, A.S.; JOHNSON, Jesper. O Livro da Política. Rio de Janeiro, Editora Globo, 2013.
- LARIVAILLE, Paul. A Itália no tempo de Maquiavel: Roma e Florença. São Paulo, Companhia das Letras, 1979.
- MAQUIAVEL, Nicolau. O Príncipe. Editora Nova Cultural (Série Os Pensadores), São Paulo, 1999.
- \_\_\_\_\_. Carta de Nicolau Maquiavel a Francesco Vettori, de 10 de dezembro de 1513. In Cartas de Maquiavel. Disponível em: [http://www.classicalitaliani.it/machiav/mac64\\_let\\_05.htm](http://www.classicalitaliani.it/machiav/mac64_let_05.htm)
- \_\_\_\_\_. História de Florença. 11ª Edição. São Paulo, Editora Martins Fontes.

MARTINS, Carlos Estevam. Introdução da Obra 'Maquiavel' na Coleção Os Pensadores. São Paulo, Nova Cultural, 1999.

MASTELLONE, Salvo. Aspetti dell' Antimachiavellismo in Francia. Gentillet e Languet. Pensiero Político, Roma, 2º ano, n. 3, 1969.

MEINECKE, Friedrich. L'Idéia della Ragion di Stato nella Storia Moderna, vol. 1. Trad. D. Scolari. Firenze, Valecchi, 1942.

PHILADELPHIE, Eusebe de. Le Reveille-Matin des Français e de leurs voisins (1573-1574).

RIDOLFI, Roberto. Biografia de Nicolau Maquiavel. São Paulo: Musa Editora, 2003.

ROUSSEAU, Jean Jacques. O Contrato Social. Coleção Os Pensadores, Tomo III, Abril Cultural, 1973.

SHAKESPEARE, William. Obras Completas. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1973. As obras *Henrique VI*, Partes I, II e III foram peças de teatro do gênero drama histórico, escritas por Shakespeare por volta do ano de 1590.

SKINNER, Quentin. As fundações do pensamento político moderno. São Paulo: Cia. das Letras: 2000.

STRAUSS, Leo. On Tyranny. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

Autor:

<sup>1</sup> Frank Viana Carvalho. Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (FFLCH). Local de trabalho: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Câmpus São Roque. Correspondência: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – IFSP. Rod. Prefeito Quintino de Lima, 2100 - Paisagem Colonial - São Roque – SP. E-mail de contato: frank.carvalho@ifsp.edu.br

Este artigo:

Recebido em: 09/2019

Aceito em: 10/2019

Como citar este artigo:

CARVALHO, Frank Viana. Nicolau e O Príncipe. *Scientia Vitae*, v.08, n.26, p. 1-8, out./dez. 2019.